

A PRÁTICA DA LEITURA: HÁBITOS E SUPORTES
THE PRACTICE OF READING: HABITS VERSUS PLATFORMS
LA PRACTICA DE LA LECTURA: HÁBITOS Y SOPORTES

* Celso Leopoldo Pagnan
** Denilson Teixeira Lima
*** Rennan Herbert Mustafa

Resumo: A leitura é uma prática advinda da época da invenção da escrita, há cerca de cinco mil anos. De lá para cá, foram criados suportes para impressão dos textos e alterado o modo e os objetivos com que se leem textos. As duas últimas grandes mudanças se deram com a invenção da imprensa com tipos móveis por Gutenberg em meados do século XV e a publicação de textos em suporte digital, utilizando-se de diferentes gadgets, desde fins do século XX. A presente pesquisa parte do princípio de que mesmo os chamados nativos digitais não têm ainda o hábito pleno, por assim dizer, de ler livros no novo suporte e que isso se explicaria tanto pela prática pouco frequente da leitura em geral, bem como por haver a necessidade de um novo aprendizado para explorar, de modo significativo, a leitura digital. Não apenas a utilização das ferramentas, mas também estratégias específicas para a realização da leitura. Baseamo-nos em estudos diversos e utilizamos como método questionário aplicado em discentes do curso de graduação em direito de uma universidade particular. Em conclusão, podemos afirmar que existe a necessidade de um aprendizado efetivo de novas estratégias de leitura a fim de que se realize a leitura em ambientes digitais com maior proveito.

Palavras-chave: leitura, suporte, hábito, prática.

1 INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico possibilitou a universalização das informações e reduziu distâncias, através da internet e dos aparelhos que possibilitam o acesso a ela, alterando significativamente a vida das pessoas, seus costumes, suas ações e principalmente seu modo de perceber e estabelecer as relações sociais. Com essas mudanças, o modo de ler e de se relacionar com a leitura ganhou, além do suporte papel, o suporte digital por meio de celular, tablets notebooks e leitores digitais.

O hábito de leitura pode iniciar-se em casa ou na escola, dependendo das relações que a família exerce com tal prática. No entanto, atribui-se à escola o papel principal de desenvolver no educando o letramento, isto é, a capacidade de ler e interpretar, ou, de maneira mais abrangente, considerando o contexto que estamos descrevendo, desenvolver o multiletramento no aluno, que é a capacidade de ler diferentes gêneros textuais em formatos variados preferencialmente em ambiente digital. Sendo assim, o professor deve assumir o papel de mediador no processo educativo, cabendo a ele, desenvolver práticas articuladas com a realidade do aluno, motivando os aprendizes a utilizarem a linguagem para entender o

*Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa (FCLA – UNESP/SP). Professor Titular (UNOPAR/PR). E-mail: celsopagnan@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-9063-9005.

**Graduado em Direito (PUC/PR). E-mail: denilson.teixeira.lima@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3069-0802.

***Graduado em Direito (UEL/PR). E-mail: rennan@osmustafa.com.br. ORCID: 0000-0002-0590-5998.

Ñuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.139-155, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.5103.

contexto social e dar significado a ele, o que leva a um processo dinâmico na troca do saber (PEREIRA, 2013). Xavier (2017, p. 2) afirma que o indivíduo letrado deve ter “capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vinculá-las à sua realidade histórica, social e política”.

Silva, Oliveira e Silva (2011) apontam que o professor precisa olhar para a dimensão cultural de cada aluno, identificar sua realidade e a partir da análise:

[...] tem que procurar observar, imaginar a realidade de cada aluno, suas condições sociais, culturais e econômicas para poder criar estratégias e meios de interação para efetivar práticas de leitura para assim formar um aluno-leitor-autônomo, cidadão consciente de suas possibilidades de leitura do mundo e de sua própria existência. (SILVA, OLIVEIRA; SILVA, 2011 p. 9).

Os recursos tecnológicos são instrumentos de informação que podem auxiliar a prática nesse processo de ensino e aprendizagem das competências leitoras. Tanto os professores como a escola devem reconhecer a relevância das tecnologias na produção e divulgação do conhecimento e acompanharem a cultura digital de forma que se tenha pleno domínio para manipular ferramentas tecnológicas e usá-las a favor desse processo. Porém, por serem mecanismos intuitivos, supõe-se que o aprendizado pode ocorrer “naturalmente”.

Ora, crianças e adolescentes possuem certo domínio dos meios tecnológicos, utilizam suas funcionalidades para o entretenimento e distração. Por isso, o saber docente deve acompanhar as inovações do mundo informatizado, de modo a associar métodos de letramento a partir de recursos tecnológicos, ampliando as formas de construção do saber, favorecendo ao educando leitor a compreensão crítica da linguagem mediada pela tecnologia de forma mais eficiente e eficaz.

Nesse sentido, há que se determinar se o aludido novo suporte se constitui apenas em meio ou se alteraria efetivamente o modo como se lê. Em outros termos, haveria alguma mudança na cognição do leitor ler nesse ou naquele suporte? Ou, perguntando-se de outro modo: como e até que ponto a compreensão de textos lineares, narrativos ou não narrativos, diferem quando estão dispostos na tela do computador, e equivalentes, se comparados aos impressos no papel? Não estamos tratando de modo específico do hipertexto, e sim sobre a leitura de um romance, de um artigo, de textos em geral em ambiente virtual.

Pesquisas, como a de Xavier (2010), investigam o quanto a passagem do papel para a tela digital alterou peculiaridades fundamentais do texto a ponto de interferir positiva ou negativamente na apreensão de significados contidos nos diferentes gêneros que circulam socialmente. Nesse cenário, partimos do princípio de que o estudante, ainda que considerado nativo digital (PRESNKY, 2001), não sente totalmente praticável a leitura nesse suporte.

A explicação pode ser meramente cultural, por não se estar plenamente acostumado, de fato, a ler textos digitais ou a explorar suas possibilidades do mesmo modo que se faz com textos impressos. Um dos motivos parece ser o da materialidade, o ato de tocar o livro colabora para a localização espacial. Embora localizar uma informação, uma passagem em um texto digitalizado, seja mais rápido porque basta dar alguns comandos, a localização de uma passagem em um livro físico colabora para uma visão de conjunto, para uma visão não fragmentada.

Com o objetivo de verificar esse pressuposto, um questionário foi elaborado e aplicado junto a estudantes de graduação de direito de uma universidade particular em Londrina/PR. A escolha do público-alvo se deve ao fato da necessidade de leitura ampla de códigos e outros materiais, disponibilizados nos dois suportes, que deve ter um estudante de direito.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Bellei (2002, p.122) realizou um diagnóstico sobre o leitor de textos digitais, a quem conceituava como o leitor eletrônico, o autor identifica que esse leitor “[...] lê e não conclui sua leitura no tempo. O que faz é experimentar constantemente, em releituras sucessivas, possibilidades narrativas alternativas em uma vasta dimensão espacial e em um eterno presente”. Com isso, o autor aponta uma característica do novo leitor: a fragmentação, o não aprofundamento de um determinado tema ou mesmo de um único texto, tendo em vista a multiplicidade de caminhos e facilidade que oferece a leitura on-line.

Chartier (2007), em entrevista, destaca essa característica da leitura em suporte digital: “Estamos vivendo a primeira transformação da técnica de produção e reprodução de textos e essa mudança na forma e no suporte influencia o próprio hábito de ler”.

Tomemos por referência outro dado, com base na pesquisa Retratos da Leitura (FAILLA, 2016). Há cerca de 122 milhões de usuários da internet no Brasil, isso se considerarmos os três meses anteriores à realização de entrevistas que resultaram na pesquisa. Do total entrevistado, 41% souberam informar o que seria um livro digital. Evidente que saber o que significa não é indicativo de que seja leitor. É importante destacar que a leitura na internet não se restringe à leitura de livros. Há, especialmente com as redes sociais, os espaços de interatividade ofertados por sites em geral, blogs, ou seja, uma ampla gama de possibilidades sugestivas para a prática da leitura e da escrita.

Há, pois, uma possibilidade exponencial de crescimento para a prática da leitura on-line, para a leitura em suporte digital. A explicação estaria, de acordo com Ribeiro (2008), no fato de que as novas tecnologias digitais da informação e comunicação favoreceriam a leitura em

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.139-155, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.5103.

informação no índice e efetuar a leitura. Embora os gadgets tenham um tanto de intuitivo, há que se aprender a utilizá-los.

Tomemos por referência outra fonte mais recente. Moraes e Arena (2012) realizaram uma pesquisa sobre os hábitos de leitura de estudantes de pedagogia e concluíram que quase a totalidade dos graduandos preferiam ler em texto impresso.

[...] surpreendentemente, quase cem por cento dos alunos entrevistados nesta pesquisa declararam sua preferência pela leitura de texto impresso, somente uma aluna disse preferir a leitura no computador. Os dados mostram que os alunos não se apropriaram totalmente da leitura digital, eles afirmaram que atualmente a maior parte de livros, apostilas, artigos, estão disponíveis no formato digital e que isso facilitou o acesso a tais materiais. Entretanto, não afirmam que a leitura digital é a preferida por eles. (MORAES; ARENA, 2012, p. 9)

Há diversas outras pesquisas que procuram descrever os novos hábitos de leitura. Oliveira Pan (2005), por exemplo, com apoio de Marcuschi (2010), sugere que o leitor de textos digitais não estivesse ou ainda não esteja totalmente preparado para ler hipertextos e apresentar o mesmo nível cognitivo que tem quando lê algo impresso, pois

[os] leitores buscaram reproduzir a leitura linear em um contexto onde a tônica é a não-linearidade. Poderíamos, em contrapartida, indagar se esta dificuldade não seria uma forma de resistência à fragmentação produzida pelo hipertexto, tão bem caracterizada por Marcuschi (1999), quando nos afirma que a possibilidade de percursos distintos pode estar contribuindo para a superficialização e futilização da leitura. (PAN, 2005, p. 3)

A autora realiza uma afirmação que concordamos, ou seja, para não aceitar como uma verdade absoluta as pretensas competências e habilidades leitoras de um nativo digital, mesmo porque usar de tecnologia não leva ao desenvolvimento cognitivo como leitor.

Sendo, no entanto, notório que muitos dos nossos estudantes, mesmo os que estão nos cursos de graduação, são (re)conhecidos como pessoas que apresentam dificuldades em ler e interpretar os textos impressos, podemos imaginar a sobrecarga imposta pela leitura virtual, na medida em que esta exige outras formas de pensamento. (PAN, 2005, p. 8).

A tecnologia exige que pessoas de gerações anteriores aprendam a usar computadores para, por exemplo, retirar dinheiro em um caixa eletrônico ou que tenham o mínimo conhecimento técnico para manusear um smartphone, há que se desenvolver no alunado habilidades e competências para leitura nos dois suportes. Em outros termos, não parece mais o caso de escolher uma ou outra tecnologia, escolher um ou outro suporte, mas sim o de ser hábil em ambos. Para Theisen (2012), é necessária a leitura nos diversos suportes para se participar ativa e efetivamente do contexto cultural e de acesso amplo à informação. Letrar-se

digitalmente pressupõe assumir mudanças nos modos de ler “até porque os suportes sobre os quais estão os textos digitais é a tela também digital” (XAVIER, 2002, p. 2)

Jabr (2013), em estudo sobre como o cérebro tende a preferir o texto em papel, faz as seguintes considerações.

Como exatamente a tecnologia que usamos para ler muda a maneira como lemos? Crianças de cinco anos tinham dificuldade em escrever cartas à mão, mas quando digitavam letras em um teclado, a construção de um mapa mental coerente desse texto era facilitada. Por outro lado, o uso de muitos aparelhos de acesso a textos digitais inibem as pessoas a construírem esse mapa mental. (JABR, 2013, p. 3²).

Sem entrar nesse mérito, porque haveria a necessidade de um estudo específico, é importante retomar Dehaene (2012), o qual assinala um paradoxo, a de que o cérebro humano não é, naturalmente, criado para responder a comandos de leitura, que o aprendizado da leitura começou a ocorrer cerca de cinco mil anos atrás com a invenção da escrita e que as mudanças no modo de escrever e nos suportes utilizados e mesmo nas práticas foram exigindo adaptações no circuito cerebral. Ou seja, é provável que estejamos aos poucos reorganizando o circuito para que a leitura em âmbito digital seja mais proveitosa do ponto de vista cognitivo e também como hábito.

3. METODOLOGIA

O objetivo da foi produzir conhecimentos sobre o hábito e estratégias de leitura, de acordo com a autopercepção do público-alvo. Quanto aos procedimentos, adotamos o survey, tendo em vista que nesse tipo de pesquisa um dos focos é a obtenção de opiniões sobre determinado grupo de pessoas –, no caso discentes de uma universidade particular, particularmente do curso de graduação em direito. A escolha ocorreu porque estudantes dessa área têm de ler constantemente, seja em suporte papel, seja em suporte digital. Desse modo, o intento foi também o de realizar um diagnóstico desse público no que diz respeito aos hábitos de leitura. Foi desenvolvida por meio de questionários disponibilizados on-line com o uso da solução Formulários Google.

Os alunos foram convidados pelos pesquisadores, que explicaram do que se tratava a pesquisa, qual a finalidade, alertando-se que os dados seriam para efeito de pesquisa e que

² No original: “How exactly does the technology we use to read change the way we read? The reading circuits of five-year-old children crackled with activity when they practiced writing letters by hand but not when they typed letters on a keyboard they also make it easier to form a coherent mental map of that text. In contrast, most digital devices interfere with intuitive navigation of a text and inhibit people from mapping the journey in their mind”.

nenhuma informação pessoal seria necessária. O formulário ficou disponível por duas semanas e 66 estudantes responderam, espontaneamente, ao questionário. Considerando isso, os dados foram coletados em determinado intervalo de tempo, sem a intenção de comparar dois ou mais períodos temporais. Trata-se, pois, de um corte-transversal dos dados.

Para a análise dos dados, seguindo as diretrizes de como foram coletados, destacamos as variáveis nominais, em termos absolutos ou proporcionais, sempre com o objetivo último de traçar um perfil do público-alvo. Embora não seja possível, com isso, uma conclusão de caráter amplo, que englobaria todos os estudantes do ensino superior, o recorte aponta, sem dúvida, tendências. Eis o ponto que queremos destacar.

4. PESQUISA

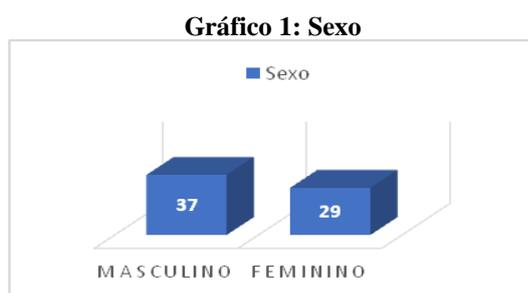
Convidamos cerca de 300 alunos de turmas variadas a participar. Desse total, 66 estudantes atenderam ao pedido dos pesquisadores e responderam aos questionários. Trata-se, pois, de uma amostra relativamente ampla, considerando a quantidade de pessoas convidadas. Sabe-se que no método survey, há essa desvantagem, pois a pesquisa depende da participação espontânea dos indivíduos. Além disso, deve-se partir do princípio de que as informações prestadas são fidedignas e confiáveis, para que todo o processo tenha validade científica.

Por contarmos a espontaneidade dos convidados, a abordagem é não-probabilística, isto é, não se pode extrair de toda a pesquisa uma conclusão válida para os mesmos grupos de indivíduos, ainda que seja possível apontar para alguma proximidade de perfil.

A pesquisa abordou três frentes: uma sobre o perfil dos respondentes, outra sobre os hábitos de leitura e outra sobre a prática de leitura, considerando como suportes de leitura abordados: impresso e digital.

4.1 Perfil

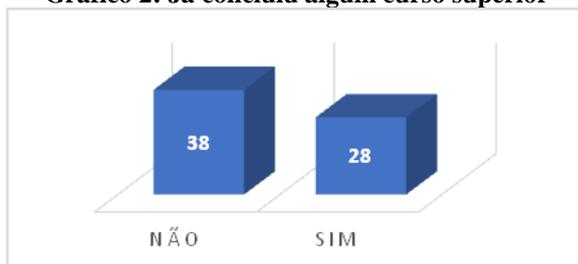
Os números informados nos gráficos serão absolutos. Na análise, porém, destacamos os dados percentualmente para uma visão mais abrangente.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Por se tratar de resposta espontânea, não houve uma pré-seleção de qual perfil, se mais pessoas do sexo masculino, ou mais do sexo feminino, deveria responder ao questionário. Com isso, o fato de 56% dos respondentes serem do sexo masculino e uma quantidade menor, 44%, ser do sexo feminino, não traz grande importância para o resultado final da pesquisa. A diversidade é importante para que se tenha uma visão geral sobre os respondentes.

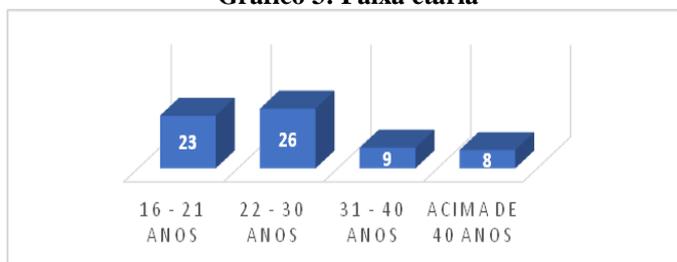
Gráfico 2: Já concluiu algum curso superior



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como todos os respondentes são estudantes do ensino superior, a pergunta era para saber se estariam realizando um segundo curso ou se seria o primeiro curso de nível superior. 42% afirmaram já terem concluído algum curso, o que é importante para nossa temática, sugerindo uma experiência leitora significativa. Do total de 28 respondentes que afirmaram já terem concluído outro curso superior, 21% (ou seis indivíduos) relataram não terem lido um livro completo nos três meses anteriores à pesquisa. Por outro lado, 32% (ou nove indivíduos) leram disseram ter lido 3 ou 4 livros inteiros no período especificado. Trata-se de um dado significativo para a contextualização mais ampla da presente pesquisa. Tanto para a caracterização do público leitor como do não leitor, em ambos os suportes de que estamos tratando. Sempre supomos que estudantes devem ler com frequência, porém, conforme a pesquisa, não é o que ocorre.

Gráfico 3: Faixa etária



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme o que se começou a estabelecer, os nascidos entre 1965 e a década de 1980 do século XX, ou a faixa etária entre 30 e 50 anos, aproximadamente, fariam parte do que se convencionou chamar de imigrantes digitais, isto é, que foram criados sem acesso ao uso de

computadores e internet, mas que, com o tempo, foram aprendendo a utilizar tais ferramentas de tecnologia e comunicação. Por outro lado, os nascidos a partir da década de 90 do século XX seriam os nativos digitais (PRESNKY, 2001), isto é, os que teriam até 30 anos aproximadamente.

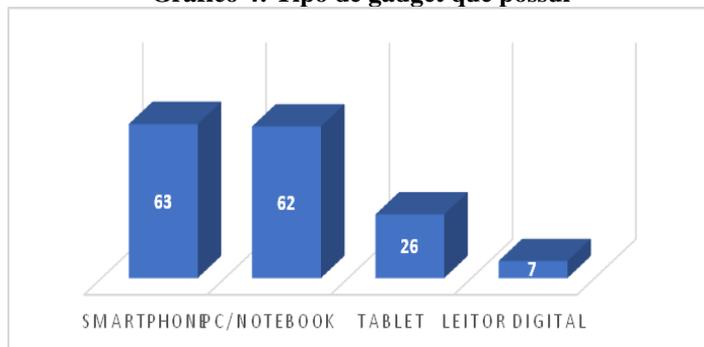
Na prática, significaria que tais indivíduos seriam mais afeitos ao uso das NTIC, e que, ao contrário dos imigrantes, teriam um conhecimento intuitivo e “natural” de tais ferramentas. Isso pode não ser necessariamente verdade, ainda mais se considerarmos a realidade brasileira, em que o acesso à internet e a aparelhos mediadores, como tablet e smartphones, por exemplo, não está acessível indistintamente a todos. Mais do que isso, segundo estudo:

Importa assim esclarecer que o conceito do nativo digital em contraposição ao do imigrante digital, ainda que atraente em um primeiro momento, é limitado na compreensão da real dimensão do significado da aprendizagem da cultura digital. Nas condições prevaletentes na sociedade brasileira, tanto em termos educacionais, quanto culturais e econômicos, o desenvolvimento e a educação juvenil para o mundo digital não pode prescindir do suporte mediador das instituições tradicionais da sociabilidade e da educação formal e informal. (PASSARELLI; JUNQUEIRA; ANGELUCI, 2014, p. 175).

Considerando a faixa etária pesquisada, temos um universo maior de pessoas, 74%, nascidas a partir dos anos 90, e que, portanto, fariam parte da Geração Y (1980-2000), conhecida também por ser a geração da internet ou dos nativos digitais. Se para esses a apropriação de novas mídias ocorre de maneira “natural” e fluida, as gerações mais velhas passam por um processo de aprendizagem de uma nova linguagem.

Presnky (2001) afirma que os nativos estariam mais afeitos aos processos randômicos de acesso aos conteúdos, bem como à tendência ao imagético em detrimento do textual. Se assim consideramos, talvez haja uma dificuldade maior de inteligência do texto narrativo, isto é, do texto mais longo, que pressupõe uma leitura contínua, não fragmentada, conforme as pesquisas de Xavier (2010) já apontavam.

Gráfico 4: Tipo de gadget que possui



Fonte: Elaborado pelos autores.

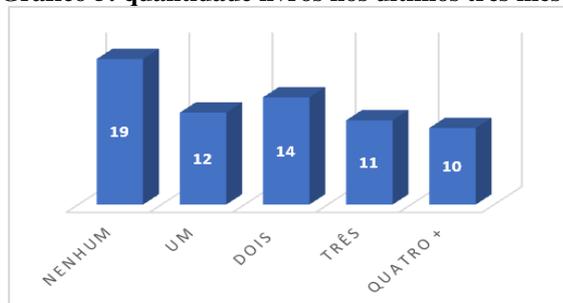
Um aspecto interessante é que houve uma estimativa do setor de produtos de informática que tablets substituíram os aparelhos maiores, e mesmo que os leitores digitais tenderiam a levar a uma diminuição de vendas dos livros impressos. Nenhuma das duas previsões ocorreu, por razões que não importam aqui explorar³. O ponto a se destacar é que ambos os gadgets têm uma função mais específica, especialmente os leitores digitais, que é a de armazenar uma grande quantidade de livros (na faixa dos milhares), o que seria salutar para florestas e todo um ecossistema. Apesar disso, a despeito de suposições, a leitura em material impresso é um hábito (a ser demonstrado em seguida) que, segundo as respostas obtidas por esta pesquisa, permanece mesmo entre aqueles que fazem parte da Geração Y. O que se pode observar, pois, pelas respostas, que não há interesse da maioria em adquirir um aparelho específico para armazenar livros, por não ser uma prioridade, mesmo entre estudantes, que, presumivelmente, deve estar em constante leitura de materiais didáticos e de referência em sua área.

4.2 Hábitos de leitura

As próximas cinco questões se prestam a diagnosticar os hábitos de leitura do público pesquisado. O objetivo é determinar as preferências pelo suporte e pela quantidade de livros lidos. Podemos adiantar que os resultados não são muito divergentes em relação àqueles apresentados pela pesquisa Retratos de Leitura, realizada em escala bem maior. O importante, porém, é procurar demonstrar que, a despeito de suposições, a leitura digital não é uma preferência, mesmo entre os tais nativos digitais.

Ressalte-se que a leitura de livros inteiros não é uma prática usual mesmo entre estudantes de ensino superior, conforme se depreende das respostas no gráfico 5.

Gráfico 5: quantidade livros nos últimos três meses



Fonte: Elaborado pelos autores.

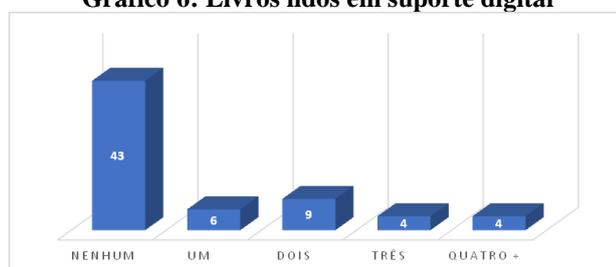
³ Carrenho (2016) faz um diagnóstico de venda desses gadgets e afirma que as próprias empresas perceberam que não há, no momento, espaço para crescimento efetivo, pois quem adquire esse tipo de aparelho é quem efetivamente é leitor contumaz. O leitor esporádico prefere, se for o caso de adquirir um e-book, baixar no aparelho que já possui (smarthphone ou notebook/pc).

Seguimos o critério da pesquisa Retratos da leitura, que considera leitor quem leu algum livro completo nos últimos três meses anteriores ao momento de realização da pesquisa.

Como se pode observar, 29% dos estudantes declararam não ter lido nenhum livro no período destacado; e 18% teriam lido apenas um livro. Apesar de se poder supor que o livro lido é referencial ou que foi de grande importância para sua formação, também se pode deduzir que é uma quantidade ínfima para quem faz um curso superior. Em termos percentuais, quase a metade (47%) leu um ou nenhum livro. O dado positivo é que 32% declararam terem lido três, quatro ou mais livros no período abordado.

Talvez isso não seja novidade, e, com efeito, essa pergunta foi realizada para preparar as demais, em torno do suporte escolhido para a leitura.

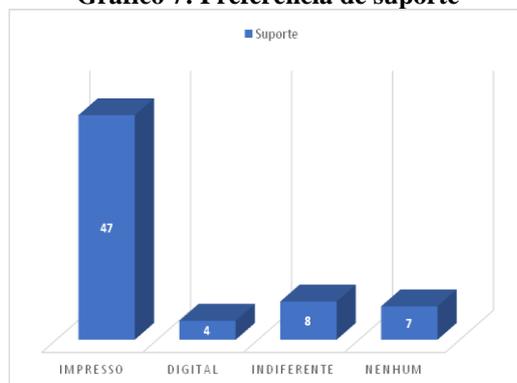
Gráfico 6: Livros lidos em suporte digital



Fonte: Elaborado pelos autores.

Se 29% dos estudantes declararam não ter lido qualquer livro (não importa o suporte), essa outra questão aponta que 65% não leram nenhum livro digital no período questionado, e mesmo entre aqueles que se declaram leitores mais assíduos e frequentes (3, 4 ou mais livros), houve uma queda significativa para menos da metade da quantidade lida: entre os possíveis 21 livros lidos, 8 (28%) teriam sido no formato digital. No caso, temos uma repetição do dado já especificado que o suporte novo apenas ampliou as possibilidades para quem é leitor frequente e/ou experiente.

Gráfico 7: Preferência de suporte



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em termos absolutos, obtivemos 66 respostas. Assim, mesmo entre os 19 indivíduos que afirmaram não terem lido livros no período enfocado, uma parte considerável, possivelmente doze⁴, informaram sua preferência por um suporte. No caso, se considerarmos 74% dos respondentes como nativos digitais e verificarmos que 71% preferem o suporte impresso, isso contribui para duas conclusões (ainda que não geral): a caracterização de uma geração não é plenamente possível e o suporte digital ainda é pouco conhecido efetivamente mesmo entre aqueles que têm as ferramentas (gadgets) para utilizá-lo. Do total de respondentes, apenas 6% declararam preferir efetivamente o suporte digital. Em outras palavras, não se pode gostar daquilo que não se conhece e, principalmente, não se pratica.

Gráfico 8: Você lê em AVA?



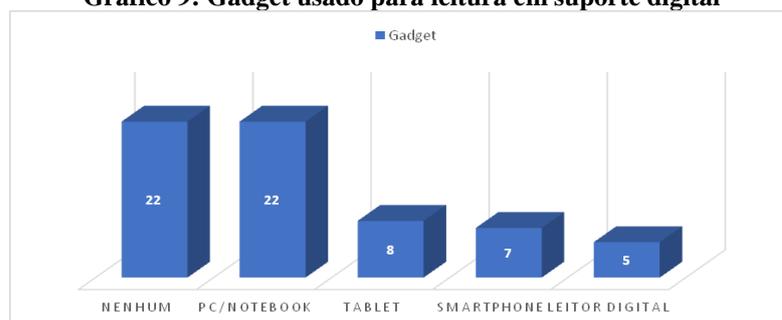
Fonte: Elaborado pelos autores.

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) têm sido muito utilizados pelos sistemas de ensino, pelas universidades, tendo em vista que a legislação vigente (Portaria n. 4059/2004) permite, em cursos ofertados presencialmente, que parte do conteúdo seja fornecido por meios digitais. Apesar disso, quase metade dos alunos (49%) afirmaram não ler textos em AVA. Talvez leiam, para realizar tarefas, mas ainda revelam seu descontentamento em praticar a leitura por meio desse suporte.

O desconhecimento ou mesmo o descontentamento de 70% dos respondentes em ler textos disponibilizados em AVA, podemos dizer, é um obstáculo ao efetivo cumprimento daquilo que a legislação prescreve em termos de completo do conteúdo. Nesse sentido, há que ser parte das estratégias de ensino a formação leitora dos alunos nos diversos ambientes e suportes.

⁴ A afirmação é apenas uma suposição, pois de 19, sete afirmaram não preferir nenhum, o que indicaria não gostar de ler ou não praticar a leitura, o que nos leva a supor que o restante, doze, teriam ao menos uma preferência por suporte se for o caso de ter de ler algo.

Gráfico 9: Gadget usado para leitura em suporte digital



Fonte: Elaborado pelos autores.

Há que se fazer uma ressalva, pois em pergunta anterior apenas 23 respondentes afirmaram terem lido livros em suporte digital nos últimos três meses, mas a informação passada aqui é 42 respondentes disseram ter lido algo usando algum gadget, no caso a pergunta era geral e não exclusiva de livros. Os 22 que responderam “não” talvez tenham imaginado a leitura de livros completos, mas, certamente usam os meios digitais para leitura de notícias, e-mails e textos curtos em geral.

De qualquer modo, 34% terem respondido “nenhum” a essa pergunta reforça a preferência pelo suporte impresso, já destacado em outras perguntas.

4.3 Prática de leitura

Ao final do questionário, foi realizado um teste a partir de uma questão. Como todo o questionário foi respondido on-line, por se tratar de participação espontânea, não havia qualquer bonificação de nota aos estudantes e puderam responder livremente, sem pressão. O objetivo foi basicamente o de aferir a habilidade interpretativa dos participantes da pesquisa. Para tanto, utilizamos uma questão extraída de prova do MEC, nível médio, para aferir um dos 21 descritores ou competências necessárias para se tornar um leitor proficiente. No caso, selecionamos o tópico 1: procedimentos de Leitura, uma questão própria do D6, isto é, inferir o sentido de uma palavra ou expressão⁵.

A pergunta era basicamente para determinar o sentido de uma expressão. No caso, precisavam dizer, entre quatro possibilidades, qual o sentido preciso para a expressão “com os olhos que tem”, no texto. A resposta correta seria “individualizar a leitura”. Embora boa parte tenha assinalado corretamente a resposta, fato é que não foi a maioria. Considerando as

⁵ O texto era o seguinte: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. 4. ed., Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.139-155, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.5103.

ressalvas já feitas, parece que o ponto não é apenas o de ter respondido com base em leitura em suporte digital, e sim dificuldade para interpretar.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como se pode perceber, 44% do total responderam corretamente, contra 56% de respostas incorretas. A explicação talvez esteja nos dados revelados pelos gráficos 5 e 6 da presente pesquisa. Uma minoria tem efetivo hábito de leitura. Como qualquer outra atividade que exige *expertise*, a leitura não é para aventureiros. Há que se construir individual e coletivamente uma cultura leitora e, com o tempo, o suporte seja um detalhe ou preferência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou refletir sobre as práticas e os hábitos leitores de estudantes de graduação de um curso de direito. O método utilizado não nos permite generalizar, mas sem dúvida destaca uma situação particular que pode sugerir que se repete com outros estudantes de cursos variados. No caso específico, procurou-se explicar se os alunos lêem efetivamente, com qual frequência e qual suporte preferem. O ponto estava em determinar se um novo suporte, no caso o digital, se constituiria apenas em novo meio ou se alteraria efetivamente a frequência com que se lê e mesmo o modo de leitura, tendo em vista o maior acesso e maior facilidade para se obter diversos livros e materiais de estudo on-line.

Como conclusão, afirmamos que o suporte digital facilita o acesso, mas sua utilização se dá mais por quem já é leitor experiente ou ao menos frequente e não por aquele estudante que seria considerado um nativo digital, conforme especificado.

É preciso considerar ainda o fato de que no Brasil se lê muito pouco, não importando o suporte. De qualquer modo, conforme os dados, pudemos perceber que a preferência é pelo suporte impresso. A escolha de um suporte ou de outro não seria positivo ou negativo, mas ao que parece a preferência pelo suporte impresso se explica por uma questão cultural, um hábito arraigado, mas também porque ainda não estamos, os leitores ou os não leitores, preparados de maneira plena para ter a mesma compreensão significativa na leitura de um texto em

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, p.139-155, Mai./Ago., 2018. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v29i2.5103.

suporte digital que se teria na leitura do mesmo texto em suporte impresso. De qualquer modo, urge que a escola seja um efetivo meio de construção de um leitor eficiente e contumaz na exploração de todos os suportes disponíveis.

THE PRACTICE OF READING: HABITS VERSUS PLATFORMS

Abstract: The practice of reading dates the time of the invention of writing, about five thousand years ago. Since then, different platforms to print texts were created changing the objectives as well as the ways we read. The last two major changes came with the invention of Gutenberg-type press in the mid-fifteenth century and the publishing of digital texts using different gadgets since the end of the twentieth century. The present research assumes that even the so-called digital natives do not yet have the full habit of reading books in electronic platforms and that this could be explained both by the infrequent practice of reading in general, and also by the necessity of learning new ways to meaningfully approach digital reading. Not only the use of tools, but also the development of specific strategies for reading. The study was based on several researches and relied on a questionnaire applied in students of the undergraduate course in law of a particular university as the method of survey. In conclusion, we can affirm that there is a need for an effective learning of new reading strategies in order to make reading in digital environments more profitable.

Keywords: reading, platform, habit, practice

LA PRACTICA DE LA LECTURA: HÁBITOS Y SOPORTES

Resumen: La lectura es una practica proveniente de la invención de la escrita hace cerca de cinco mil años. Desde entonces fueron creados soportes para la impresión de los textos y alterado el hecho y los objetivos para cual son leídos. Los dos últimos cambios ocurrieron debido a la invención de la prensa con caracteres móviles por Gutenberg entre mediados del siglo XV y la publicación de textos en soporte digital, bajo (utilizándose) diferentes gadgets, a partir de fines del siglo XX. La presente investigación se basa en el principio de que aún sean llamados nativos digitales no poseen todavía el hábito pleno de leer libros en el nuevo soporte y que eso se explica por la falta de lectura en diario y por demandar un conocimiento específico para explotar ese tipo de tecnología. No solo la utilización de las herramientas, pero también estrategias específicas para la realización de la lectura. Fundamentamos nuestros estudios en diversos textos y utilizamos de recolección de informaciones por medio de una encuesta voltada a profesores de cursos de graduación de una Universidad privada. Para concluir, afirmamos que existe la necesidad de un aprendizaje efectivo de nuevas estrategias de lectura que desarrolle una utilización más amplia de estos ambientes digitales.

Palabras clave: lectura; soporte; hábito; practica

REFERÊNCIAS

BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

CARRENHO, C. O que os livros digitais representam para o aumento da leitura? O que diz a Retratos da Leitura sobre quem lê nesse suporte? In: FAILLA, Z. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 99-112.

CHARTIER, R. **Entrevista**. Publicada em Nova Escola. Edição 204, 01 de agosto de 2007. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/938/roger-chartier-os-livros-resistirao-as-tecnologias-digitais>>. Acesso em: 30 de mar. 2017.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

FAILLA, Z (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em <http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2016.

JABR, Ferris. The reading brain in the digital age: the science of paper versus screens. **Scientific American**, 2013. Disponível em <<https://www.scientificamerican.com/article/reading-paper-screens/>>. Acesso em: 30 de abr. 2016.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MORAES, L. A. de O.; ARENA, A. P. B. **A leitura em suporte impresso e digital: modificações nos modos de ler**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas: UNICAMP, 2012. Disponível em <http://www.infoteca.inf.br/endipec/smartyp/templatess/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1908p.pdf>. Acesso em: 30 de abr. 2016

PAN, M. C. de O. **Leitura em suporte digital: desafio para a EaD**. Congresso da Abed. Florianópolis, 2005. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/151tcb3.pdf>>. Acesso em: 28 de abr. 2016.

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A. H.; ANGELUCI, A. C. B. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. **Revista Matrizes**. São Paulo: USP, V. 8, n. 1, jan./jun.2014, p. 159-178.

PEREIRA, M. M. **Resenha multiletramentos na escola**. 2013. Disponível em: <<http://www.uel/revistas>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

PRENSKY, M.: **Digital Natives Digital Immigrants**. In: PRENSKY, M. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001.

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SILVA, M. de N. F.; OLIVEIRA, A. M. dos S; SILVA, N. R. **Reflexões sobre leitura: A formação do leitor**. Recorte – revista eletrônica. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br>>. Acesso em: 15 de fev. 2017.

THEISEN, J. M. **Leitura e tecnologia: a busca de uma interação sem fronteiras**. Seminário Internacional em Letras: Língua e Literatura na (Pós-) Modernidade, 2012, Santa Maria. Anais Seminário Internacional em Letras Unifra. Santa Maria: UNIFRA, 2012.

XAVIER, A. C. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI, L. A.;

XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

XAVIER, A. C. Letramento digital e ensino. Recife: **Nehte**, 2002. Disponível em <<https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>> Acesso em: 01 de maio 2017.

Recebido em março de 2017.

Aprovado em junho de 2018.